



SÉRIE: DIVULGAÇÃO

NÚMERO 4

DR.<sup>A</sup> MATILDE BENSAÚDE  
E  
MIGUEL NEVES

1032

# A Formiga Argentina

MÉTODOS PARA A COMBATER

2.<sup>a</sup> edição, remodelada e ampliada

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA  
GERAL DOS SERVIÇOS AGRICOLAS  
DE ESTUDOS, INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO

RC  
MNCT  
63  
BEN

1937



Taboada Leuons



INSTITUTO NACIONAL DE CARVÃO

RC

MVCT

63

BEN

## A formiga argentina (1) e métodos para a combater

A praga da formiga argentina vai invadindo o País do sul para o norte e do litoral para o interior; de ano para ano, o terrível flagelo aparece em outras regiões onde provoca o aumento rápido de cochonilhas e de escamas daninhas nas plantas cultivadas, especialmente nas árvores de espinho, nas figueiras e vinhas. Os frutos das plantas atacadas caem antes da maturação e as próprias plantas enfraquecem gradualmente até que morrem.

Neste folheto encontrará o lavrador indicação simples acerca dos métodos para combater a formiga argentina, cuidadosamente experimentados, com resultados positivos, pela Repartição de Serviços Fitopatológicos. Nas regiões recentemente invadidas, a aplicação dos métodos indicados pode conduzir à destruição completa do flagelo. Em sítios onde a formiga argentina existe há anos e se encontra muito disseminada, não é provável que se consiga jamais o seu completo desaparecimento; poderá, todavia, pela aplicação persistente dos métodos abaixo indicados, conseguir-se considerável diminuição do flagelo e a protecção eficaz das árvores de fruto.

(1) *Iridomyrmex humilis*.



## Origem da formiga argentina e sua distribuição em Portugal

Esta formiga é, conforme o seu nome vulgar indica, originária da Argentina; com o comércio de madeiras e produtos hortícolas, foi-se disseminando pelo Novo e Velho Mundo.

A Ilha da Madeira foi o primeiro território português onde se observou esta formiga exótica. Na metrópole o seu aparecimento data duma exposição de produtos coloniais realizada no Pôrto em 1894. Hoje encontra-se em quasi todas as nossas terras baixas próximas do litoral, desaparecendo nas altitudes; no interior observam-se focos incipientes, quasi todos nas proximidades das cidades mais importantes. Os estragos produzidos pela formiga argentina nos laranjais do Algarve, de Setúbal, de Coimbra e de muitas outras regiões são enormes. Certas regiões vinhateiras começam também a sofrer muitissimo com o ataque das cochonilhas, transportadas e protegidas pela formiga argentina.



FIG. 1 — Obreira (segundo Marlatt)

### Características da formiga argentina

É uma formiga de pequeno porte, de cor castanho-clara, de formas delgadas e com o abdómen semi-transparente. Ao contrário do que sucede com outras espécies de formigas, as obreiras são todas semelhantes. A formiga argentina apresenta-se sempre em grupos numerosos, percorrendo as

árvores e os muros em carreiros compactos que deixam rasto de sua passagem. As formigas que formam os carreiros espalham-se desordenadamente ao menor choque e à mais leve corrente de ar, um sôpro, por exemplo. Onde esta formiga aparece, desaparecem em pouco tempo as formigas indígenas, com excepção das grandes formigas pretas que vivem nos campos e que se alimentam sobretudo de grãos de cereais (fig. 1).

### Do que se alimenta a formiga argentina

Esta formiga não é vegetariana, pelo que não ataca as plantas, não come grãos de cereais, nem rói fôlhas e flores, como julgam alguns observadores menos cuidadosos. Êste insecto é carnívoro e alimenta-se de larvas, ninhadas de pássaros e de pequenos mamíferos; é também ávido de sucos adocicados como os que são segregados pelos nectários das flores e por certas glândulas das cochonilhas e dos pulgões (fig. 2).



FIG. 2 — Fêmea sem asas (segundo Marlatt)

### Relação entre esta formiga e as cochonilhas e pulgões parasitas das plantas

Como é ávida dos sucos segregados pelas cochonilhas e pulgões, a formiga argentina protege estes insectos e facilita a sua propagação. Ê exactamente pela protecção dispensada aos parasitas referidos, que a formiga

causa grandes danos às plantas por êles atacadas, tais como: árvores de espinho, oliveiras, pecegueiros, vinhas, figueiras, anoneiras, cana do açúcar, cafezeiros, etc. (fig. 3).



FIG. 3 — Macho (segundo Marlatt)

### Meios de combater a formiga argentina

Combate-se esta formiga de duas maneiras diferentes:

- 1.<sup>a</sup> Pelo extermínio directo dos adultos e suas crias;
- 2.<sup>a</sup> Protegendo as plantas contra a sua invasão.

### Extermínio

Consegue-se êste de duas formas: pelo emprêgo de xaropes formicidas e pela destruição dos formigueiros e abrigos de inverno.

### Os xaropes formicidas

O emprêgo de xaropes tóxicos para o extermínio da formiga que invade as habitações é antigo e vulgar. A sua aplicação em pomares e plantações é mais recente; foi iniciada por Barber e Newell, nos Estados Unidos. Barber efectuou interessantes observações sôbre o efeito de diversos formicidas e recomenda os arsenicais. Descobriu êle que os xaropes tóxicos, usualmente emprega-

dos, não são tão eficazes como os mais diluídos, pelas seguintes razões: como causam a morte das obreiras após a ingestão, estas não têm tempo de alcançar o formigueiro antes de morrer e, por isso, não chegam a transmitir o xarope tóxico às fêmeas e às larvas. Os xaropes menos tóxicos actuam lentamente e dão tempo às obreiras a levar para o formigueiro o formicida com que alimentam as fêmeas fecundas ou rainhas e as larvas (fig. 4), causando assim a sua morte. Além disso, as formigas não tardam a notar que o xarope muito tóxico é perigoso para elas, por verem em volta d'ele os cadáveres das suas companheiras; afastam-se e chegam até a vedar o acesso ao xarope por meio de terra. Os xaropes muito tóxicos actuam ao cabo de poucos dias como verdadeiros repulsivos, ao passo que os menos tóxicos continuam sempre a atrair as formigas, que morrem todas até à última do formigueiro.



FIG. 4 — Óvos, larvas e ninfas  
(segundo Marlatt)

As fórmulas de xaropes que nos deram melhor resultado, são as seguintes (1):

---

(1) O arsenito de sódio é muito venenoso; por isso é conveniente mandar preparar o xarope por um farmacêutico ou outra pessoa acostumada a manipular produtos tóxicos.

## Fórmula n.º 1:

Água . . . . .	5,200 cc.
Açúcar . . . . .	5,450 grs.
Mel coado. . . . .	900 »
Ácido tartárico cristalizado . . . . .	7 »
Benzoato de sódio . . . . .	9 »
Arsenito de sódio . . . . .	22 »

(Esta fórmula dá 9 litros de xarope).

## Fórmula n.º 2:

Água . . . . .	2,250 cc.
Açúcar . . . . .	4,500 grs.
Ácido tartárico cristalizado . . . . .	4,5 grs.
Benzoato de sódio . . . . .	4,5 »
Arsenito de sódio . . . . .	12 »

(Esta fórmula dá 5 litros de xarope).

O xarope com mel atrai mais as formigas. É necessário, porém, que o mel seja puro e bem coado; no caso de não se obter mel nestas condições é preferível preparar o xarope sem mel.

MANEIRA DE PREPARAR O FORMICIDA: Deita-se a água potável numa panela esmaltada, bem limpa, que se põe ao lume; quando morna, junta-se-lhe o ácido tartárico e o benzoato de sódio; depois de bem dissolvidos estes produtos, acrescenta-se o açúcar; nessa altura marca-se num pau bem limpo, que serve de agitador, o nível do líquido na panela, que deverá ser mantido constante até ao fim da preparação do xarope, pela adição de novas porções de água para substituir a que se vai evaporando. Regula-se o lume de forma que o líquido leve uns 30 minutos a levantar fervura; ao cabo de 30 a 40 minutos de ebulição calma e regular, retira-se a

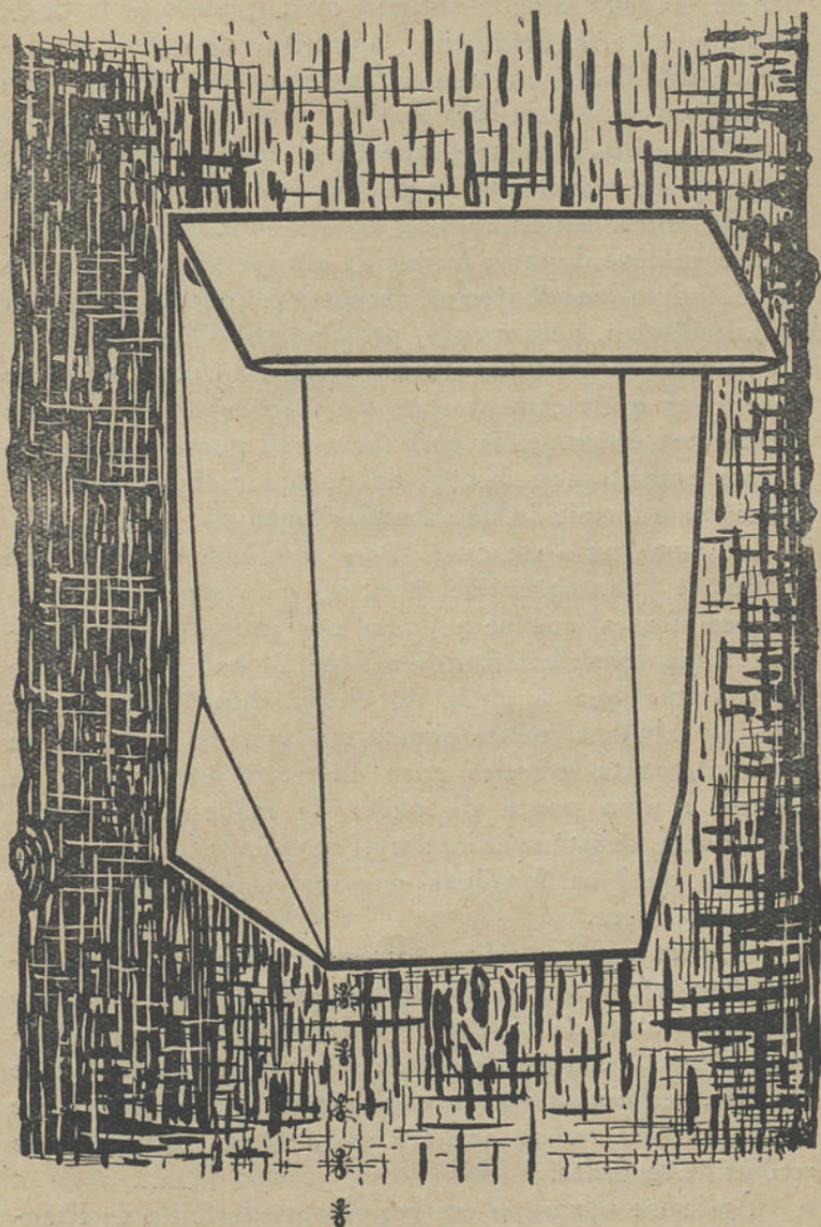


FIG. 5 — Saco pregado no tronco da árvore

panela do fogo e deita-se-lhe o mel, quando se trata da fórmula n.º 1, e, finalmente, o arsenito de sódio, previamente dissolvido em 100 cc. de água de chuva, água potável ou água destilada quente.

Arrefecido o xarope, guarda-se êste em vasilhas de louça ou de vidro bem limpas, que se fecham com tampas de vidro esmerilado ou rôlhas de cortiça fervidas. Nunca se deve deitar o formicida em recipientes de fôlha de Flandres ou de ferro, excepto quando estes sejam esmaltados ou, pelo menos, parafinados.

Todos os produtos usados para o fabrico do xarope devem ser quimicamente puros e o açúcar extra-pilé. Os recipientes empregados para ferver ou guardar o xarope devem encontrar-se isentos de qualquer cheiro, pois de contrário o formicida não atrai as formigas.

**MANEIRA DE O APLICAR:** Para combater o flagelo nos jardins e plantações de árvores, o xarope é deitado em recipientes que se pregam nos muros e nas árvores. Estes recipientes devem ser fechados por cima para evitar que a água da chuva dilua o veneno e que as abelhas neles penetrem; convém que sejam suficientemente grandes para conterem uns 50 cc. de xarope e uma pouca de palha de madeira, ou qualquer outra substância inodora, semi-imersa no xarope, sôbre a qual as formigas possam passear sem receio de se afogarem.

*Oferece sempre perigo, para as crianças e para os animais domésticos, o emprêgo de formicidas tóxicos, sobretudo dentro das casas de habitação; por ser particularmente perigoso o uso de xarope dentro de pires ou sôbre bolinhas de algodão, recomendamos que se abandone esta prática, e que dentro de casa ou ao ar livre se adoptem exclusivamente recipientes fechados.*

Aplica-se o xarope em recipientes de fôlha de Flandres, cartão ou papel parafinado. As brigadas da Re-

partição de Serviços Fitopatológicos empregam sacos de mercearia, de 250 grs., feitos de papel «rico» n.º 5, e com o fundo cuidadosamente colado. Num dos lados do saco, mais ou menos a 2 centímetros acima do nível onde virá a chegar o xarope, abrem-se 3 a 4 furos (iguais aos que se vêm nos bilhetes dos eléctricos), que permitam a entrada das formigas (devem ser bastante peque-

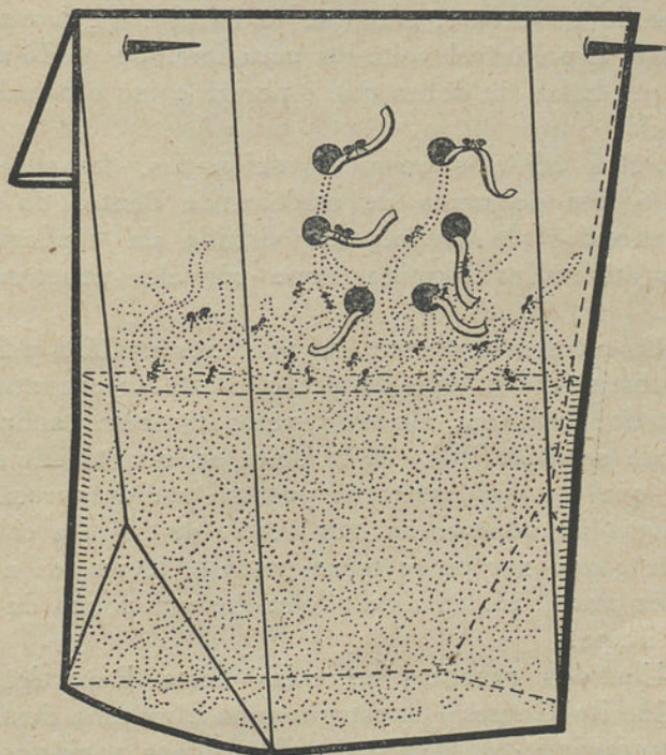


FIG. 6 — Saco parafinado mostrando a face posterior com orifícios que ficam voltados para o tronco da árvore e por onde passam as extremidades da palha de madeira. Uma linha pontuada indica o nível do xarope.

nos para que as abelhas não possam passar por êles); imergem-se os sacos furados num banho de parafina de 52º de fusão, a-fim-de os tornar impermeáveis.

Deita-se em cada saco meio decilitro de xarope e 10 a 20 fios de palha de madeira limpa e sem cheiro; pregam-se estes recipientes com cardas ou *punais* nos muros e nas árvores, no sítio da passagem das formigas. A parte superior do saco fica dobrada para fora, à laia de pequeno telhado, sôbre o qual escorre a chuva (fig. 5).

Por tempo claro e seguro, voltam-se os orifícios para a parede ou árvore, como se vê na (fig. 6); por tempo incerto, é preferível voltá-los para fora, de modo a ficarem por baixo da dobra que o abriga como o beiral dum telhado.

Pelos orifícios acima mencionados, fazem-se sair 3 a 6 fios de palha de madeira de dentro do saco; humedecidos de xarope, em virtude da capilaridade, estes atraem as formigas, que por êles penetram no saco.

Os recipientes devem ser visitados amiúde, a-fim-de se substituir o xarope sempre que êste se encontre fermentado; acontece algumas vezes também, sobretudo quando se deita palha de madeira em quantidade excessiva, que o xarope se torna pastoso por evaporação; as formigas abandonam-no com receio de ficarem coladas. Desde que o xarope se torne pastoso, leva-se de novo à fluidez primitiva, adicionando-se-lhe um pouco de água bem limpa.

Um dos regentes agricolas desta Repartição — o sr. Gamito Gomes — construiu uma almotolia destinada a introduzir  $\frac{1}{4}$  de decilitro de água nos saquinhos em que o xarope se encontra espêsso demais (fig. 7). Êste aparelho é hoje empregado em todos os centros de combate à formiga argentina estabelecidos pela Repartição de Serviços Fitopatológicos.

**ÉPOCA EM QUE SE APLICA:** Dispõem-se os recipientes com xarope nos pomares e jardins entre Abril e Junho,

apenas as formigas retomem a sua actividade, depois do

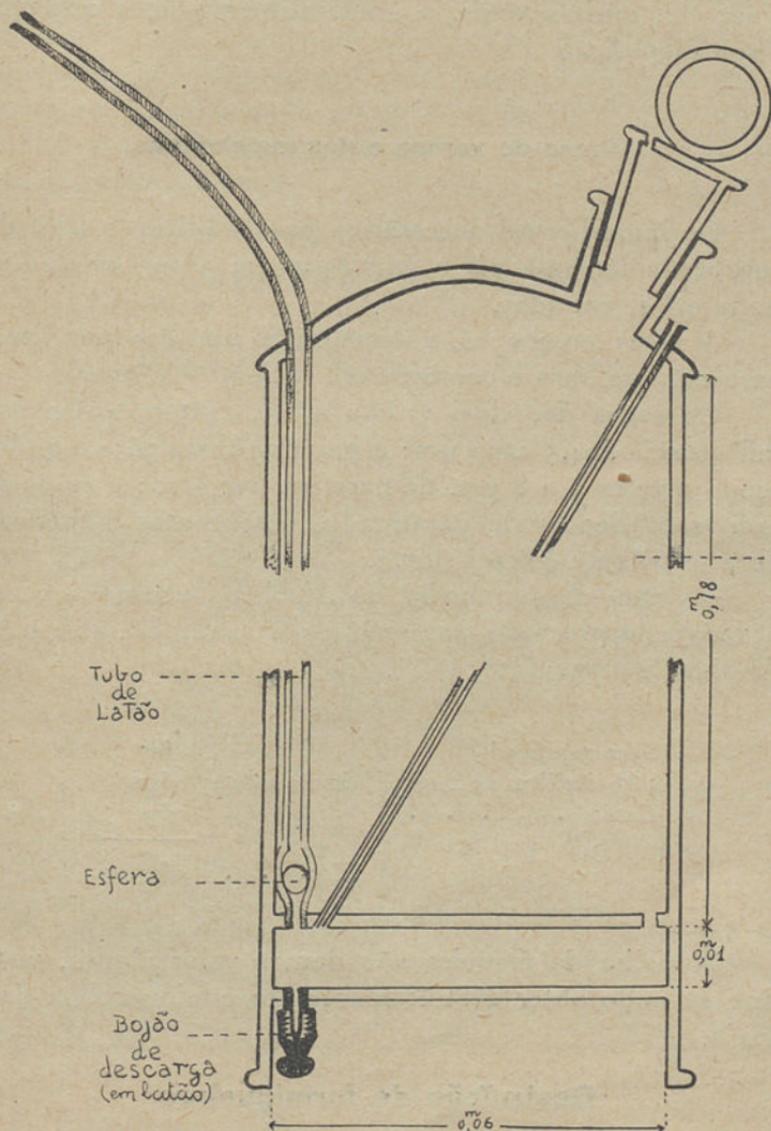


FIG. 7 — Almotolia

repouso hibernar. Nesta época, as formigas procuram o

xarope com avidez por haver ainda poucas cochonilhas e ser êle, muitas vezes, o único alimento doce que têm à sua disposição.

### Preço do xarope e dos recipientes

Os ingredientes necessários para fabricar 1 litro de xarope da fórmula n.º 1 importam em 3\$19; os da fórmula n.º 2, em 3\$75.

A estes preços há a acrescentar uns \$20 por litro, para mão de obra e combustível.

Os sacos de papel «rico» n.º 5, custam 45\$00 por mil ou seja \$04,5 cada um; a parafina custa 3\$50 o quilo, sendo preciso 6 a 8 grs. de parafina por saco; o custo de cada saco depois de parafinado, sem contar a mão de obra, é pois de \$06,6 a \$07,3.

No caso de se renovar de Abril a Outubro 3 vezes o xarope, o preço do tratamento por saquinho, sem mão de obra, é o seguinte:

Saco parafinado . . . . .	\$07
1 1/2 decilitro de xarope, fórmula n.º 1	\$47,8
Carda . . . . .	0\$00,27
	<hr/>
Esc. . . . .	0\$55,07

À palha de madeira não damos valor algum, visto que se pode obter gratuitamente em qualquer boa drogaria.

### Destruição de formigueiros

As formigas passam o verão em formigueiros muito espalhados, constituídos por galerias superficiais. Por

meio da submersão do terreno invadido, consegue-se destruir estes formigueiros e matar obreiras, rainhas e crias. No caso de não ser possível submergir o terreno por completo, aproveita-se das regas, durante as quais saem precipitadamente das galerias as obreiras transportando ovos e larvas, e queimam-se com a chama de um maçarico de soldador.

### Abrigos de inverno

Quando começa o inverno, as formigas abandonam as galerias superficiais e constroem ninhos grandes, em sítios abrigados das chuvas e um tanto aquecidos pelo



FIG. 8 — Preparando o recheio para os abrigos

sol ou pela fermentação de matéria orgânica, onde se acolhem várias colônias. Encontram-se formigueiros du-

rante o inverno com freqüência nas pilhas de estrume e de folhada, debaixo das lajes dos passeios de quintas, entre as raízes de árvores.

Preparar no outono abrigos convenientes para depois os destruir e matar as formigas nêles acolhidas, é um dos mais eficazes métodos de combate (fig. 8).

Estes abrigos artificiais devem ser constituídos por duas partes essenciais: um recheio de matéria orgânica em fermentação e uma protecção exterior contra as chuvas. Nos Estados Unidos usam-se para abrigos latas de gasolina usadas, ou caixotes cheios de estrume, palha, folhada e alguma terra. Êste tipo de abrigo sai demasiadamente caro para se generalizar entre nós, e por isso recomendamos outros mais económicos, já largamente experimentados e adoptados.

**ABRIGO DE TERRA BATIDA** (fig. 9): Constrói-se uma plataforma de terra batida com 40 a 60 cm. de diâmetro e 3 a 4 dedos de altura. Coloca-se sôbre esta um punhado da seguinte mistura:

Estrume em fermentação . . . . .	1 parte
Palha cortada . . . . .	2 partes

O melhor estrume é o de cavalo; a palha pode ser de centeio, de trigo ou de milho; esta última dá os melhores resultados. Convém humedecer um pouco a mistura, no caso de o estrume se encontrar muito sêco. Cobre-se o punhado de estrume e palha com uma camada de terra, duma mão travessa de espessura, e calca-se bem com uma pá ou um sacho. Convém que a terra da cobertura seja um tanto argilosa para se não desmoronar com a chuva (figs. 9 e 10).

Abrigos recobertos apenas de terra batida convém sobretudo para o Algarve, região pouco chuvosa e onde o terreno é quási sempre argiloso. Em regiões de terre-

nos leves e de muita chuva, torna-se necessário colocar por cima da terra batida uma cobertura de lousas ou telhas, ou ainda preferir o seguinte tipo de abrigo.

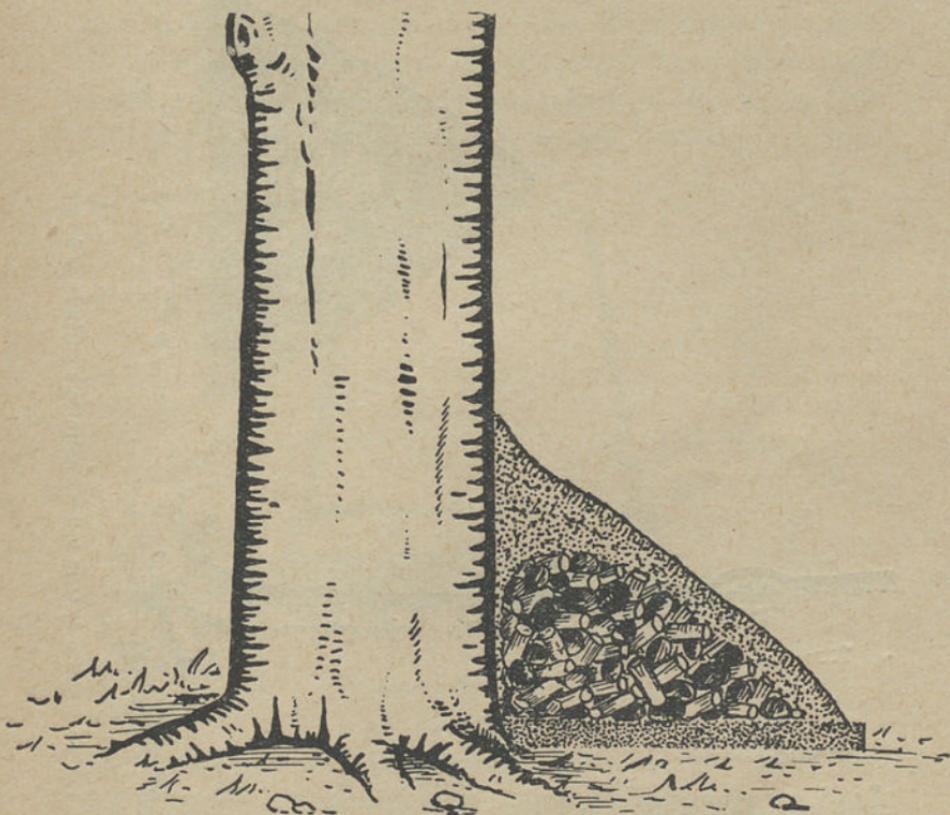


FIG. 9 — Abrigo de terra batida construído junto a uma árvore

**ABRIGO DE VASOS:** Prepara-se a plataforma e a mistura de palha e estrume exactamente como para a armazém de abrigos de terra batida. Sobre a plataforma coloca-se, invertido, um vaso de barro cheio de palha e estrume. O vaso não deve, já se vê, apresentar o fundo furado, e será tanto melhor quanto maior.

O preço dos vasos de barro varia muito de região

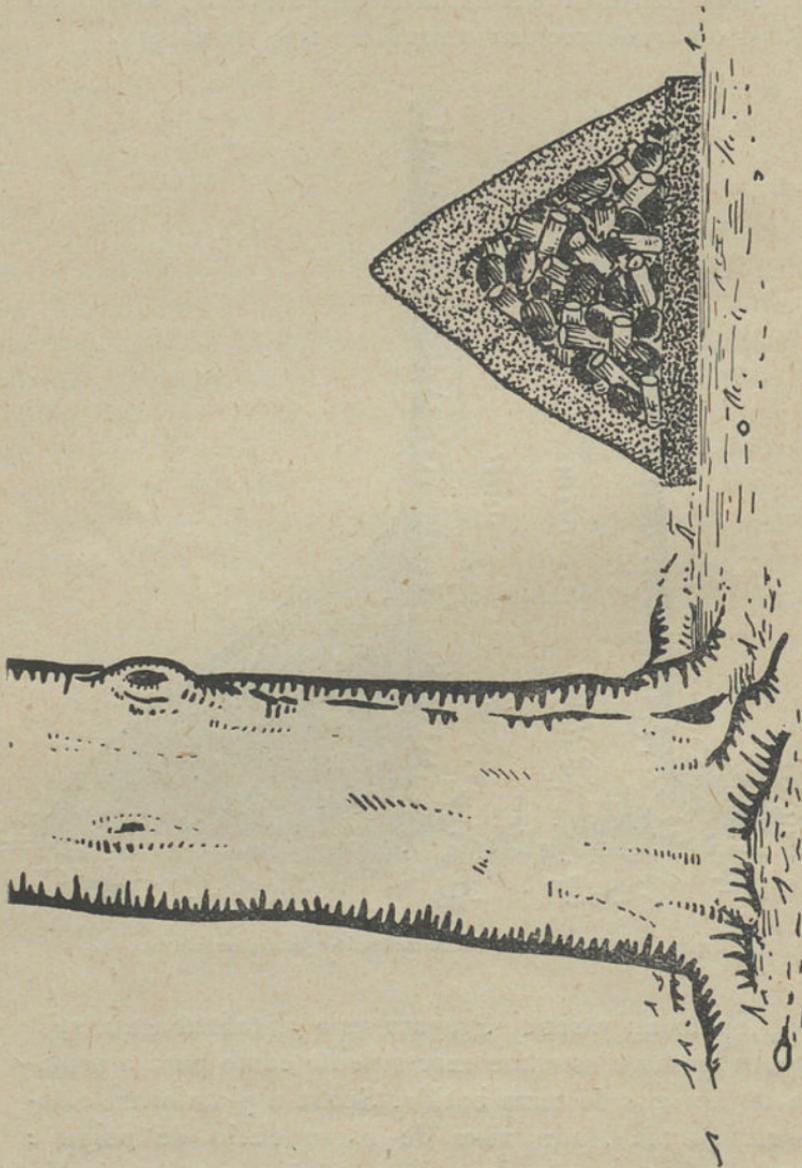


Fig. 10 — Abrigo de terra batida construído a distância da árvore

para região. Em certas localidades podem adquirir-se

vasos de 50 cm. de diâmetro por 25 cm. de altura, por 50 centavos cada um, preço acessível à maioria dos lavradores.

Convém colocar os abrigos na proximidade de árvores ou de muros onde se tenham observado formigas durante o verão. No caso de as árvores terem uma copa densa, mais ou menos impenetrável à chuva, podem colocar-se os abrigos encostados aos troncos; no caso

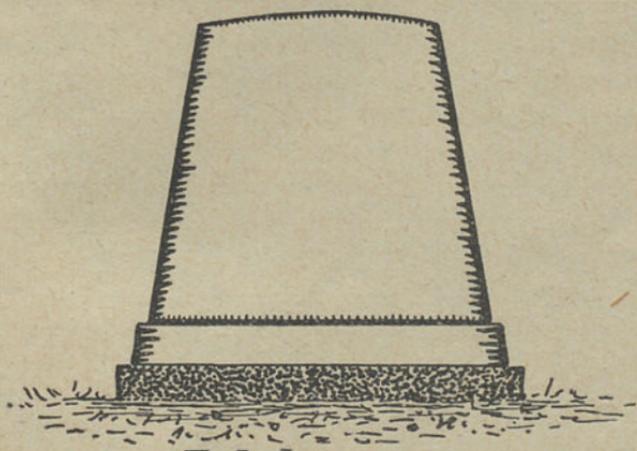


FIG. 11 — Abrigo de vaso

contrário, ou na proximidade de muros por onde escorra muita água, convém armar os abrigos isolados a 20 cm. de distância dos troncos ou dos muros respectivamente, a-fim-de evitar o seu alagamento (figs. 10 e 11).

Os abrigos armam-se em locais aquecidos pelo sol durante umas horas cada dia e tanto quanto possível protegidos contra o embate directo das chuvas.

**DESTRUIÇÃO DOS ABRIGOS:** Para matar as formigas nos abrigos de terra batida, pode empregar-se o sulfureto de carbono ou o fogo. No primeiro caso, fura-se com

uma cana a cobertura de terra; na parte superior do abrigo, em forma de cone, introduz-se uma ou duas colheres de sopa de sulfureto de carbono no orifício e torna-se a tapar com terra. O sulfureto evapora-se e penetra nas galerias onde se encontram as formigas, destruindo-as.

A manipulação do sulfureto de carbono é perigosa, e por isso esta Repartição tem adoptado a destruição



Fig. 12 — Destruindo e queimando formigueiros com um maçarico

dos formigueiros pelo fogo, a-pesar-de mais contingente.

Para proceder à queima do ninho, o operário agacha-se com um maçarico de petróleo (mais económico do que o de gasolina) na mão direita e uma sachola de cabo curto na mão esquerda. Com a sachola vai remexendo o conteúdo do ninho e abrindo as galerias, tanto no recheio de matéria orgânica como na plataforma de terra

batida ou debaixo desta, onde as formigas também se abrigam por vezes. Com o maçarico vai queimando cuidadosamente todos os insectos que aparecem (fig. 12). Quando se trate de queimar abrigos recobertos de vasos de barro, é necessário retirar estes, espalhar o recheio e desmanchar as plataformas. A posição do operário durante a queima é importante: convém que volte as costas para o lado donde sopra o vento, a-fim-de proteger a chama do maçarico; por outro lado, deve evitar, quanto possível, interceptar os raios de sol com o corpo, por ser necessária boa iluminação para se verem claramente as formigas e sua criação nas galerias. Convém armar e destruir os abrigos três vezes, entre o outono e os meses de Abril e Maio. Nessa época, as formigas abandonam os abrigos e os ninhos de inverno e retomam a sua actividade estival e a procura de alimentos doces, entre os quais o xarope envenenado.

Fazem-se com rapidez os abrigos. Com efeito, um operário pode armar 120 a 150, por dia de 8 horas. Cada abrigo leva porém, pelo menos, 10 minutos a queimar. Abrigos grandes, com muita criação, levam por vezes mais de meia hora a destruir completamente com o maçarico. Um bom operário não queima, pois, mais de 30 a 45 ninhos durante um dia de 8 horas.

### **Protecção das árvores contra a invasão da formiga argentina**

Nas regiões onde as formigas são tão abundantes que não é possível, em pouco tempo, reduzir muito o seu número pelos métodos de extermínio, tenta-se, pelo menos, proteger as árvores de maior estimação ou de valor contra o seu acesso. Há quem amarre, para esse fim, trapos molhados em azeite ou em óleo de automóvel

em redor dos troncos. Nada, porém, é mais condenável, pois além de ser prática pouco eficaz, em virtude da rapidez com que o trapo seca, o contacto directo do óleo ou do azeite com a casca das plantas, sobretudo quando novas, produz nelas lesões graves.

### Cintas viscosas

Encontram-se no mercado viscos de fabrico americano ou inglês, tais como o Tanglefoot e o Tactite, que se conservam pegajosos durante muito tempo, sendo por isso muito eficazes contra o acesso de vários insectos, parasitas das frutas. Por melhores que sejam, os viscos não vedam, por muito tempo, o acesso das formigas à copa das árvores, visto aquelas conseguirem passar por cima das cintas, logo que a poeira se acumule à sua superfície ou que nelas se encontrem agarrados fôlhas ou gravetos. Por cima das faixas estreitas de 5 a 6 cm. as formigas chegam até a construir pontes com grãozinhos de terra. Para conservar as cintas viscosas durante semanas ou meses é necessário visitá-las com frequência e avivar a sua superfície, sempre que isso seja preciso, com uma espátula ou um pente. Nestas circunstâncias percebe-se que as cintas viscosas, contra a formiga, convêm apenas aos jardins ou pequenos pomares e não às grandes plantações.

O contacto directo dos viscos com a casca das árvores também provoca cancrios; para os evitar deve aplicar-se o visco sôbre uma cinta de papel parafinado, amarrado em volta do tronco, ou melhor, sôbre uma cinta de parafina aplicada, directamente, à casca da árvore (fig. 13).

Actualmente uma lata de Tactite ou de Tanglefoot, de meio quilo, custa 18\$00 a 20\$00. Essa porção é

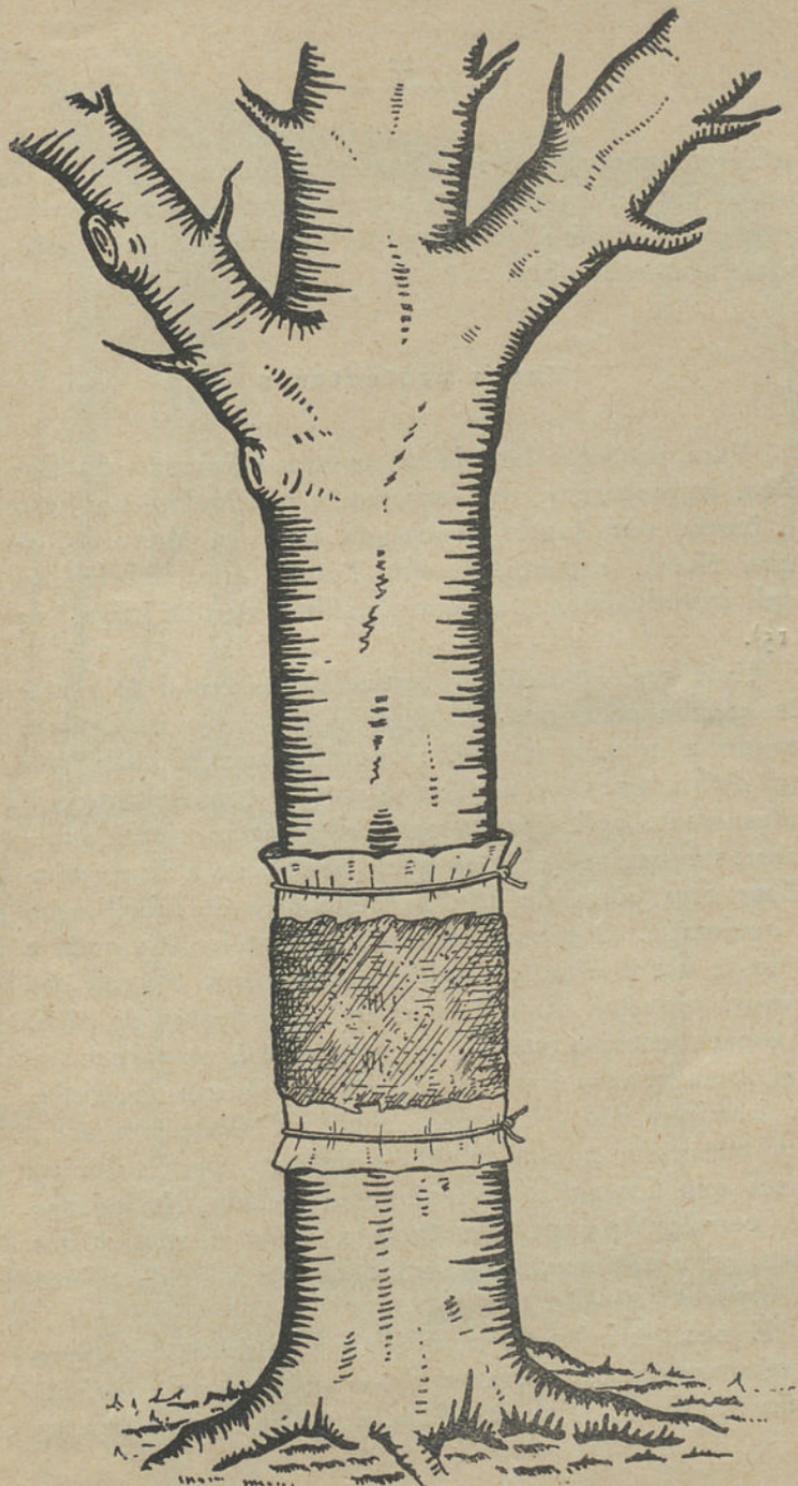


FIG. 13.—Cinta de visco de 10 a 12 cm. de largura sôbre papel parafinado

suficiente para 10 a 20 cintas, conforme o perimetro das árvores. Fica portanto o tratamento de cada árvore entre 1500 e 2500, fora o papel parafinado, ou a parafina e a mão de obra.

### Vasos protectores

Para proteger laranjeiras contra a invasão da formiga, empregamos, com excelentes resultados, um vaso de barro, sem fundo, inventado pelo sr. Manuel Joaquim Horta, comerciante em Tavira, e no fabrico do qual introduzimos pequenos melhoramentos (figs. 14 e 15).

Este vaso é dividido verticalmente em duas metades que se colocam dum lado e do outro da árvore, ficando o tronco no meio; apertam-se as duas partes com dois arames e consolida-se a união com cimento cuidadosamente aplicado. O vaso protector apresenta superiormente uma goteira na qual, depois de a impermeabilizar com bôrra de gás, se deita óleo de lubrificação já queimado. O rebordo interior da goteira é grande e curva-se sôbre esta, de modo a evitar que a água das chuvas, gravetos ou fôlhas caiam para dentro do óleo. O espaço entre o vaso e o tronco da árvore enche-se com areia grossa, livre de sal e sem mistura de argila. As formigas não conseguem abrir galerias nesta areia nem atravessar a goteira, cheia de óleo, para subir ao tronco que fica assim perfeitamente isolado. No inverno não convém, porém, conservar a areia dentro destes vasos, para não acumular humidade em volta do tronco das árvores.

É necessário evitar também que a água das regas entre em contacto com os vasos, o que se consegue facilmente substituindo as caldeiras, de velho uso em Portu-

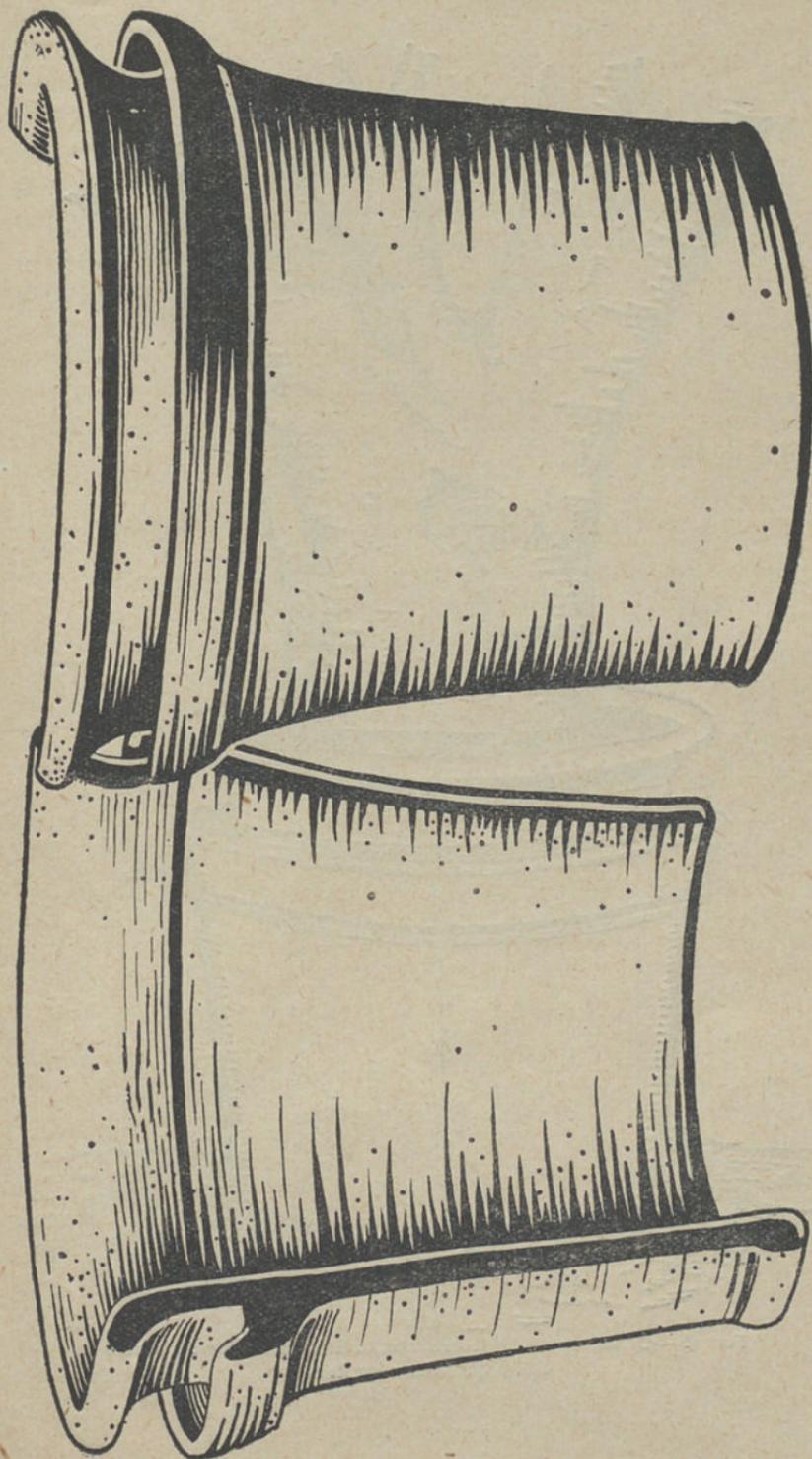


FIG. 14 — Vaso protector

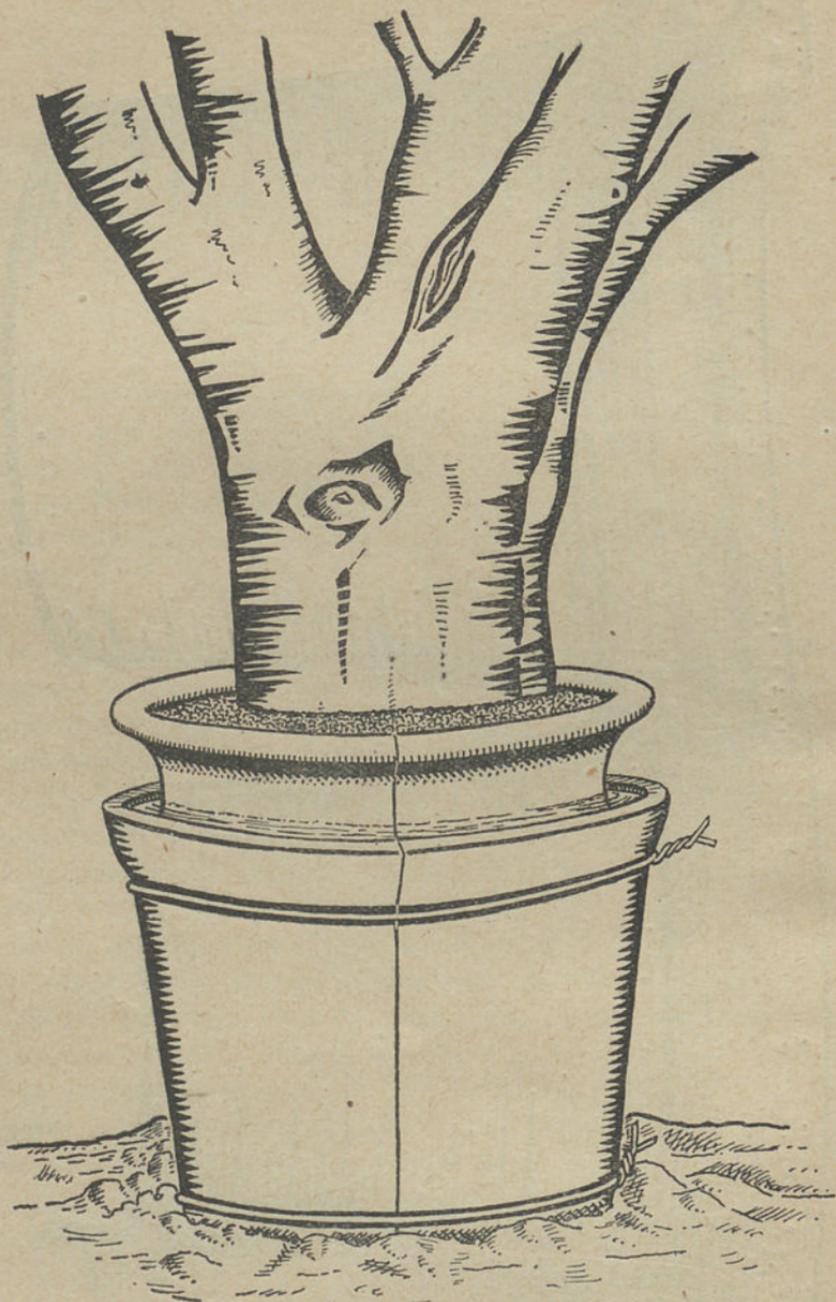


FIG. 15 — O mesmo vaso colocado, com areia entre a árvore e o vaso e óleo queimado na goteira

gal, pelos regos de água escavados à distância de 50 ou 60 cm. de cada árvore. Estes regos são, aliás, muito mais favoráveis à boa saúde das árvores de fruto do que as caldeiras; por isso é êste o método de irrigação recomendado em todas as plantações modernas, em especial para árvores de espinho.



EDIT. GREGÓRIO SILVA  
AMALOUZ CARVALHO



## ÍNDICE

	Pág.
A formiga argentina e métodos para a combater. . . . .	1
Origem da formiga argentina e sua distribuição em Portugal . . . . .	2
Características da formiga argentina . . . . .	2
Do que se alimenta a formiga argentina . . . . .	3
Relação entre esta formiga e as cochonilhas e pulgões parasitas das plantas . . . . .	3
Meios de combater a formiga argentina. . . . .	4
Extermínio . . . . .	4
Os xaropes formicidas . . . . .	4
Preço do xarope e dos recipientes . . . . .	12
Destruição de formigueiros . . . . .	12
Abrigos de inverno . . . . .	13
Protecção das árvores contra a invasão da formiga argentina . . . . .	19
Cintas viscosas . . . . .	20
Vasos protectores. . . . .	22



SÉRIE DIVULGAÇÃO:

N.º 1 — **Cultura das Pereiras.**

N.º 2 — **Mal-me-quires... .. Bem-me-quires.**

N.º 3 — **Plantio da Vinha.**



**RÓ  
MU  
LO**

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



**\*1329705246\***

